

# OS SETE PAPEIS DA MULHER CAMPONESA NA PROVÍNCIA DE GAZA, MOÇAMBIQUE: REMINISCÊNCIAS DE UMA ANTIGA PESQUISA DE CAMPO<sup>1</sup>

*Carlos Serrano<sup>1</sup>*

**Resumo:** O projeto “Educação para a vida familiar nas aldeias comunais e nas atividades femininas através da comunicação social”, do qual participamos no auge da guerra civil, ou, se preferirem, da guerra de desestabilização, teve entre suas fases operacionais uma pesquisa “atitudinal” junto às camponesas da província de Gaza, no sul de Moçambique. O objetivo era o reconhecimento dos fatores que poderiam determinar a aceitação plena e produtiva da introdução de novas tecnologias de trabalho, assim como a mudança de atitude quanto a aspectos de saúde, de higiene e de planejamento familiar. Assim sendo, pensávamos, e continuamos a pensar, que o estudo dos papéis desempenhados por aquelas mulheres dentro do sistema social e cultural em que está inserida é fundamental para a compreensão das expectativas em relação aos comportamentos explícitos quanto às eventuais alterações numa situação de mudança. Esse enfoque permitiu o acesso a informações sobre as relações de poder, as tensões, as coerções, os conflitos e, finalmente, os processos de mudança social então em curso em uma parcela da sociedade moçambicana.

**Palavras-chave:** Papel social, mutação social, mulheres camponesas, província de Gaza, Moçambique.

**Abstract:** The project “Education for family life in communal villages and women’s activities through social communication”, in which we participated during the civil war, or better, the war of destabilization, had, in its operational steps, an “attitudinal” approach with peasant women in the province of Gaza, southern Mozambique. The objective was to recognize the factors that could determine the full and productive acceptance of the introduction of new technologies of work, as well as the change of attitude regarding aspects of health, hygiene and family planning. Thus, we thought, and we continue to think, that the study of the roles played by those women within the social and cultural system in which it is inserted is fundamental for the understanding of the expectations regarding the explicit behaviors in the possible changes in a situation of social change. This approach allowed us to have access to information on power relations, tensions, coercions, conflicts, and, finally, the processes of social change then underway in a portion of the Mozambican society.

**Keywords:** Social role, social change, peasant women, province of Gaza, Mozambique.

<sup>1</sup>Este artigo baseia-se em relatório originalmente apresentado ao Ministério da Informação de Moçambique em 1987, no âmbito do projeto “Educação para a Vida Familiar nas Aldeias Comunais e nas Atividades Femininas através da Comunicação social”, coordenado por Diva Luisa Di Luca. Relatório de pesquisa intitulado A vida e o trabalho da mulher camponesa na Província de Gaza: teste de metodologia de uma pesquisa atitudinal. Maputo: Ministério da Informação, 1987. As fotografias da pesquisa (algumas aqui reproduzidas) foram feitas Carlos Serrano e por Carlos Mula, fotógrafo da Delegação do Gabinete de Comunicação Social (G.C.S.) de Xai-Xai.

<sup>1</sup> Antropólogo natural de Cabinda, Angola. Professor aposentado do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo e pesquisador do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo. E-mail: [cserrano@usp.br](mailto:cserrano@usp.br).

## Introdução – O contexto da pesquisa

Nas sociedades africanas, a mulher tem um papel preponderante não só no âmbito familiar, mas principalmente como “força de trabalho”. Ao longo da história, e até aos dias atuais, quer seja em período de paz ou de guerra, ela emerge sempre como a mantenedora. Assim, durante uma pesquisa de campo por nós realizada nos anos difíceis da guerra em Moçambique, nos propusemos a chegar pelo mais próximo da mulher camponesa, para procurarmos entender o que se poderia levar até ela – uma vez que o governo da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) se propunha a um impulso de “modernização” do país, bem como de “emancipação” das mulheres –, por meio da comunicação social, principalmente saber o que ela estaria disposta a receber do que, àquela altura, denominávamos “inovação tecnológica”, assim como a mudança de sua atitude frente a aspectos de saúde, de higiene e de planejamento familiar. Pensávamos que o estudo dos papéis desempenhados pela mulher dentro do sistema social e cultural em que estava inserida seria fundamental para a compreensão das expectativas em relação aos comportamentos explícitos quanto às eventuais alterações numa situação de mudança, onde pode aparecer o conflito de papéis, no qual as situações onde vários grupos de pessoas têm expectativas diferentes e conflituosas face ao comportamento de um sujeito particular, a mulher.

Há trinta anos, em 1987, Moçambique passava por transformações rápidas, causadas por imensos constrangimentos externos. Um ano antes, morreram, em um traumático acidente aéreo, muitos dos mais importantes quadros do governo moçambicano, entre os quais o presidente Samora Machel. Face às inúmeras pressões internacionais, fossem elas

políticas, militares ou econômicas (os países mais pobres sofriam com o colapso geral dos preços das matérias-primas), o novo governo do país era obrigado a se abrir para o capital estrangeiro e a sentar-se à mesa de negociações com as instituições de Bretton Woods. O sistema passava por uma reestruturação. Nas cidades, as lojas começavam a abrir com um número crescente de mercadorias importadas, o que às vezes dava a uma pequena parcela da população uma falsa aparência de prosperidade geral. Pois, no meio rural, onde vivia mais de oitenta por cento da população, a situação era muito pior, e a cada dia pior. Atingido pela guerra de desestabilização – expressão com a qual estamos de acordo, como a definiram Joseph Hanlon e John S. Saul, entre outros –, antes liderada pela Rodésia, e depois continuada pelo regime racista sul-africano, o país mergulhava em uma das piores crises humanitárias do mundo até então. Em várias regiões do território, as forças da oposição armada lançavam *crescentes* ataques-surpresa que resultavam em terríveis massacres, o que por sua vez redundava em contra-ataques igualmente violentos. A província de Gaza foi uma das mais atingidas pelo conflito.

Foi neste contexto que foi realizado o projeto “Educação para a vida familiar nas aldeias comunais e nas atividades femininas através da comunicação social”, encomendado pelo Ministério da Informação de Moçambique, que naquele momento seguia as diretrizes formuladas após a 8<sup>o</sup> Reunião do Comitê Central da FRELIMO, reunidas na “Resolução sobre aldeias comunais”. Apesar da situação de conflito, o governo se interessava pelo desenvolvimento local, e também em superar aspectos conflituosos no seio das comunidades e das famílias, onde as mulheres tinham um papel fundamental. No caso específico do grupo estudado, que era o dos shanganas (e da denominação maior dos tsongas), devido à estrutura familiar patrilinear, a mulher fica sempre sob a pressão das linhagens paternas, associadas muitas vezes ao marido. Essa mulher, então, vai morar com o marido no território da linhagem deste. No entanto,

a particularidade de uma aldeia comunal é que ela reúne indivíduos das diversas linhagens. Antes da formação da aldeia, o habitat era disperso, segundo as linhagens. No momento em que migram para o mesmo espaço da aldeia, seus habitantes são obrigados a se organizarem, de modo a diminuir ou a atenuarem algumas tensões, como ilustraremos mais adiante.

O projeto teve entre suas fases operacionais uma pesquisa “atitudinal” junto às camponesas da província de Gaza, no sul de Moçambique. A pesquisa de *survey*, então por nós planejada, resultara de um convite feito pela socióloga brasileira Diva Luisa Di Luca, que estava à frente de uma pesquisa mais ampla, nos serviços do Gabinete de Comunicação Social do Ministério da Informação, que também contava com a presença de outro cooperante brasileiro, Juarez Távora. Os meios de comunicação rurais tinham mesmo a intenção de disseminar uma consciência dos problemas e as possibilidades de superação ou de resolução dessas tensões *localmente*.

Chegamos a Moçambique em julho de 1987, para participar desse projeto mais amplo, intitulado *A educação para a vida familiar nas aldeias comunais e nas atividades femininas através da comunicação social*. A princípio, seriam visitadas três localidades no sul da província de Gaza, sendo a primeira delas localizada a cerca de quinze quilômetros a oeste da capital provincial, Xai-Xai: as aldeias Três de Fevereiro, Julius Nyerere e Chókwè. Como meio de acesso às localidades, a viagem de Maputo ao sul da província de Gaza foi feita por via aérea, pelo oceano Índico, uma vez que o avião corria o risco de ser derrubado, se o sobrevoo fosse feito por via terrestre. Infelizmente, em razão dos riscos envolvidos, nem todas as aldeias comunais puderam ser visitadas, e as aldeias Chókwè e Julius Nyerere (esta última, a apenas sete quilômetros da Três de Fevereiro) haveriam por ficar de fora da pesquisa, pois estavam em uma zona de ação da RENAMO. A aldeia Três de Fevereiro, devido às circunstâncias de ser uma aldeia comunal resultante de pessoas que haviam sido alocadas

naquele espaço para fugirem às enchentes no rio Limpopo, eram agricultores, principalmente de arroz. A própria aldeia tinha uma boa organização e vivia um momento de paz: era uma *ilha de paz*. Daí nós termos podido desenvolver a pesquisa com relativa facilidade, inclusive em seus arredores, no Vale do Rio Limpopo. No entanto, todos os seus habitantes estavam conscientes da situação que se estava a passar, e havia um temor de que a guerra também chegasse lá, que seria só uma questão de tempo.

#### Visita à Aldeia Comunal Três de Fevereiro

No dia 26 de julho, por volta das 14 horas, foi visitada por nosso grupo a Aldeia Comunal Três de Fevereiro, situada a cerca de quinze quilômetros de Xai-Xai, depois de termos atravessado o Rio Limpopo e percorrido uma parte da planície de terras pretas que em tempos foram alagadas pelo rio e aí depositaram resíduos, húmus, tornando-as bastante ricas em matéria orgânica. Aí se fazem a maior parte das machambas das populações vizinhas. Com o alagamento de certas áreas provocadas por cheias do rio, anos atrás, as populações procuraram terras mais altas do planalto onde começaram um aldeamento que deu origem à aldeia comunal Três de Fevereiro (de forma voluntária).

O povoamento, se bem que mais ou menos disperso, ocupava uma grande área com grandes arruamentos, sendo que as casas conservavam grandes áreas em redor como espaço doméstico. A maior parte das construções foi construída com material local, caniços entrelaçados de forma quadrada ou redonda cobertos com palha. Algumas delas eram cobertas com adobe. Havia casas construídas já com tijolos, construções definitivas. Estas, pela pintura e forma decorativa, lembravam construções de operários sul-africanos. Aliás, informaram-nos que um grande número de homens daquela região trabalhava na

África do Sul, nas minas (na foto que apresentamos abaixo, um ancião apresenta seu capacete de segurança, trazido dessas minas).

Como era um domingo ensolarado, podíamos ver jovens passeando com seus rádios portáteis que pensamos serem também provenientes da África do Sul. A visita no domingo devia-se às circunstâncias do momento propício para uma observação sobre esse momento de lazer. A aldeia parecia quieta. Algumas mulheres conversavam sobre as esteiras falando ou cuidando de seus filhos menores. Algumas crianças brincavam e também algumas adolescentes aproximaram-se da delegação sem, contudo, se deixarem fotografar. Outras crianças, mulheres e adolescentes carregavam recipientes de água no depósito que ficava numa das extremidades da aldeia, próxima da cooperativa de consumo.

Estivemos também, logo de início, no Centro Comunitário, que estava deserto. A senhora que procuramos por recomendação, membro da estrutura Organização da Mulher Moçambicana (O.M.M.) local, não estava em casa, sendo uma sua nora com as crianças que nos recebeu. Seu marido estava ausente – havia ido trabalhar na África do Sul. Ofereceu-nos mandioca cozida e foi bastante hospitaleira. Só falava shangana.

Tiramos algumas fotos, sendo uma de uma casa e de uma senhora vizinha (cerca de sessenta anos) que não pertencia a nenhuma estrutura nem à Cooperativa. Selecionamo-la para a primeira entrevista. Tiramos também a fotografia de uma pequena casa servindo de cozinha e dois pequenos galinheiros, todos de caniço, com diversos utensílios em redor (ver foto abaixo). Secavam a semente vermelha de colorau para condimento das comidas. Devido à sua abundância, destina-se à venda.

Foi fornecido um roteiro para as fotografias segundo os diversos papéis das mulheres para serem tiradas não só nos momentos das entrevistas, mas

também para serem desenvolvidas posteriormente.

No dia seguinte, foi entrevistada por nós aquela senhora idosa. Decorreu em volta de um trabalho no espaço doméstico exterior, tirando as folhas de milho sobre uma esteira. Em seguida, entrevistamos um ancião (nascido em 1912, como mostra seu Bilhete de Identidade), pessoa de bastante dignidade e possuidor de atributos da sua identidade étnica mashangana, como os lóbulos das orelhas furados que mais tarde daria pormenores desta operação feita na infância (rito de iniciação), bem como símbolos tradicionais de seu próprio prestígio, como algumas pulseiras. A entrevista decorreu junto à sua palhota, tendo continuado a realizar o trabalho de lavar a sua roupa, enquanto sua mulher e uma jovem moíam farinha de milho na proximidade.

Nos dias seguintes, foram visitadas algumas machambas no Vale do Rio Limpopo. Por vezes havia conglomerados dispersos, em que estavam presentes três ou mais famílias. Quase sempre, por estarem próximos a algumas árvores de fruto, sobreviveram às últimas cheias do rio, em 1977. Havia também algumas ruínas de casas de edificação definitiva (tijolo) bastante danificadas pelas cheias. Todas estas residências, no entanto, eram temporárias. Estas machambas, com suas residências temporárias podiam distanciar cerca de dois quilômetros dos lugares de origem. Além do milho e feijão, que tinham sido plantados em grande extensão, também se cultivam pequenas hortas com produtos imediatos à sua alimentação (alface, tomates, etc). Havia também algum gado, cabras, porcos e galinhas. O trabalho agrícola, que se resumia a capinar a machamba, naquele momento era feminino e familiar.

Outras entrevistas foram feitas a mulheres, sem grandes dificuldades. A última, porém, feita a uma mulher, teve de ser conduzida somente pelas mulheres de nosso grupo. Tratava-se uma senhora de cerca de trinta e cinco anos, a primeira das duas esposas de um homem que estava presente e que também

trabalha nas minas da África do Sul. Coabitavam na mesma casa. O esposo permitiu que a entrevista fosse feita, embora, para tal, pedisse que todos os homens nos retirássemos, bem como sua segunda esposa e crianças.

Em uma das aldeias do Vale, ocorreu um episódio por nós presenciado que convinha registrar como pertinente à pesquisa. Presenciávamos uma reunião de várias pessoas, próximas a uma casa, e aproximamo-nos para fazer algumas fotos. Paramos junto de umas crianças para fotografarmos, quando vimos um dos homens bater numa das mulheres que estavam em reunião nas proximidades. Não nos foi possível, nem permitido, fazer fotos. Mas, pela discussão calorosa que estava a haver, pudemos reconstituir em parte o motivo da mesma. Havia uma intriga entre uma mulher mais velha com seu filho acerca da nora. Isso deixou aquele homem bastante aborrecido, o que deve ter conduzido à agressão da própria esposa. Foram convocadas, então, as estruturas políticas da vizinhança (chamadas de “bloco”), com o seu responsável para resolver o problema. No entanto, durante esta reunião, o marido ainda batia à mulher na presença de todos enquanto se tratava uma dura discussão em que, cada qual, colocava os seus argumentos. O chefe da reunião falou: “Estas suas mulheres...” levando a crer que este homem possuía mais de uma esposa. O mesmo responsável gritou e recriminou veementemente o agressor. A cena foi bastante dramática, porque a mulher agredida chorou e o seu marido, o agressor, também chorou depois da recriminação. A tensão crescia, à medida em que se desenrolava a lide. Entre as mulheres presentes, a sogra, um dos elementos principais que motivaram o episódio, assim como a mãe da mulher agredida, e outras sentadas em esteiras, a discussão era grande. O chefe da reunião tenta não só recriminar a ação do marido, mas também a da sua mãe, pela intriga. Esta situação parece que já havia se repetido, dias antes. O chefe da reunião, chamado de *madoda*, tentava estabelecer uma reconciliação, com conselhos

para todos. À frente da casa, via-se um automóvel. Deduzimos que, pela posse deste bem, o dono possivelmente trabalhava nas minas da África do Sul. Na ausência do marido, as responsabilidades da casa e suas resoluções são depositadas na autoridade dos pais do marido, e daí podiam nascer os conflitos dentro dos papéis familiares e conjugal, onde a mulher casada (de residência virilocal) aparecia como uma pessoa dependente e subordinada.

De volta a Xai-Xai, visitamos e demos contas do andamento da nossa pesquisa ao Governador de Gaza, que se mostrou muito interessado em conhecer seus resultados. Disse que as nossas recomendações poderiam ser úteis como indicações para orientações futuras nos trabalhos do próprio Partido no âmbito local.

## Os sete papéis sociais das mulheres camponesas

A literatura teórica a respeito dos papéis sociais fornece aos pesquisadores uma série de conceitos que permitem a classificação e a análise detalhada de informações relativas aos comportamentos e às expectativas quanto à integração do indivíduo ao sistema social e cultural. Os papéis não são fenômenos isolados, mas estão associados de maneira significativa, às situações e contextos sociais nos quais eles se inserem.

Não nos preocupamos, porém, durante a formulação de nosso relatório de campo (pois a aceleração do tempo cobrava a urgência de sua finalização), com uma discussão metodológico-teórica aprofundada sobre o conceito de papéis sociais, tal como aparece nas teorias de George Herbert Mead, Florian Znaniecki, Ralph Linton, Theodore Newcomb, Anne-Marie Rocheblave-Spenlé, entre outros. Ao invés disso, aderimos ao modo como

duas pesquisadoras ganesas, Christine Oppong e Katharine Abu, aplicaram o conceito a um contexto especificamente africano. Em Gana, entre as décadas de 70 e 80, a produção de cacau, que fora o principal produto de exportação do país, havia estagnado após o colapso de seus preços internacionais, e as mudanças econômicas no nível local, daí surgidas, forçaram as mulheres camponesas dos grupos Ga e Dagomba a procurarem segundos empregos para auxiliarem na manutenção de suas famílias. Face às mudanças e mesmo às mutações sociais ocorridas, muitas dessas mulheres passaram a desenvolver habilidades empresariais no setor de comércio, que ligou seu meio rural de origem à grande cidade (no caso, Accra) e mesmo aos países vizinhos. Surgiu então um novo fluxo migratório, com grandes impactos sobre os sistemas educacional e empregatício. Este caso ganês, é claro, muito difere de nosso caso moçambicano, pois aquele país da África Ocidental jamais chegou a enfrentar uma guerra civil ou de desestabilização. No entanto, o aporte teórico desenvolvido por Oppong e Abu, com ênfase na multiplicidade combinada de papéis sociais, poderia perfeitamente ser aplicado ao outro contexto, em que os papéis antes reservados às mulheres, em matéria de divisão sexual do trabalho, passam a sofrer transformações profundas, geradas, sobretudo, por uma combinação de dois fatores externos: o esforço político do governo no sentido da emancipação feminina e a mobilização coletiva que a guerra em si gera.

Acreditávamos, à altura, e com razão, que a guerra em Moçambique traria impactos ainda mais dramáticos na estrutura decisória das mulheres moçambicanas, no sentido de sua escolha entre ficarem ligadas às machambas, isto é, à lavoura, e assim correr risco de vida face às grandes incertezas de uma situação de conflito, ou então migrar para as grandes cidades (no caso em questão, Xai-Xai, ou Maputo). No caso específico observado, as mulheres camponesas da Província de Gaza, que em sua grande maioria decidiram ficar, pelo menos durante aquela

conjuntura, elas demonstraram com especial clareza a possibilidade do exercício de inúmeros papéis que apareciam muitas vezes de forma simultânea e que elas deveriam desempenhar para manter o equilíbrio do grupo social.

As expectativas relativas aos papéis podem ser classificadas segundo o que elas exprimem aquilo que deveria ser, isto é, as *prescrições*; aquilo que é desejado, ou seja, os *valores*; ou aquilo que se passa realmente, que são as *percepções*. Elas devem ser abertamente expressadas. As expectativas variam também segundo os diferentes grupos sociais. Assim, os comportamentos e as expectativas dos papéis podem ser estudados nos seguintes aspectos: as *crenças* (a respeito dos comportamentos nos papéis individuais), as *normas* (ideias sobre o que se deveria fazer nas situações dadas), as *leis* (que especificam o que deve ou não ser feito no caso dos diferentes papéis) e as *preferências* (aquilo que se gostaria de fazer).

Considerando a evolução dos papéis, é importante observar a relação entre a conformidade entre os modelos tradicionais e o preço ou as consequências dos desvios e das inovações, assim como os fatores que inibem estes últimos. Nos sistemas complexos e de grande mobilidade, as mutações são rápidas, como havia apontado Georges Balandier.

O conflito do papel refere-se às situações onde vários grupos de pessoas têm expectativas diferentes e conflituais face ao comportamento de um sujeito em particular. Assim, por exemplo, as hipóteses que tentam explicar a participação variável ou constante da mulher no mundo do trabalho ou da fecundidade põem em evidência os conflitos nos papéis das mulheres que são ao mesmo tempo trabalhadoras, esposas e mães (conflito entre os papéis). Num papel particular, uma pessoa pode ser também objeto de diferentes expectativas de parte dos diversos grupos em que está inserido.

Os contextos dos papéis e os sistemas sociais: o estudo dos papéis das mulheres, sejam os comportamentos ou as expectativas que se desejem detalhados e exaustivos e se inclua o estudo das relações e dos recursos dos papéis, conduzirá ao estudo dos contextos e das instituições nas quais se inscrevem, como os sistemas de produção e educação, as relações de parentesco e alianças, a organização comunitária e doméstica. Assim, as mudanças podem ser observadas ao nível macrossocial e os seus efeitos analisados em detalhe ao nível dos indivíduos.

Nos estudos sociológicos e antropológicos, o status é bastante utilizado com referência ao poder, à riqueza, à honra, à estima ou ao prestígio. Três dos principais reconhecimentos são: econômico, político e social (no sentido de prestígio social). O status político é baseado na posse de riqueza ou ganhos. O status político é baseado sobre o poder de tomar decisões e requer das outras pessoas a disponibilidade de as executar. Podem-se estabelecer cinco critérios do status social ou de prestígio; quando uma pessoa é: 1) objetivo de admiração, 2) objeto de deferência, 3) objeto de imitação, 4) fonte de inspiração e 5) centro de atração.

Estes pontos são importantes na medida em que a posse destes atributos por uma pessoa reconhecida pela comunidade pode ser um elemento que mais facilmente pode introduzir comportamentos inovadores desde que não gerem conflitos ou tensões no grupo.

Durante nossa pesquisa, pudemos constatar sete papéis desempenhados pelas mulheres da província: O papel materno, relativo à maternidade; o profissional, relativo às formas de trabalho produtivo; o conjugal, relativo às relações com seu marido ou companheiro; o doméstico, relativo às suas atividades domésticas; o familiar, o relativo às relações com todas as pessoas com alguma noção de parentesco; o papel na comunidade, relativo às relações que exerce com os demais membros da comunidade; e o papel

individual, relativo às atividades ou relações em que as ações não sofrem pressões da comunidade.

### 1. Os comportamentos no papel materno

O desempenho deste papel nasce com o próprio conhecimento que a jovem tem sobre sua sexualidade e as funções da mesma no que se refere à procriação. O comportamento e as atividades femininas são fornecidos pelas mulheres mais velhas como forma de iniciação ritual, tendo em vista a harmonia da sociedade como um todo e a mulher aparece como elemento essencial na reprodução desses papéis. Contudo, esta sociedade em mudança traz dentro de si princípios emergentes de uma nova sociedade produzindo por si conflitos latentes. A contracepção ou mesmo o espaçamento temporal entre os nascimentos são igualmente determinados por tabus (evitamento sexual durante o período do aleitamento, ou outros). As experiências sexuais nascem, hoje, muitas vezes, antes do casamento apesar disso não ser o desejado pela sociedade. Mas se ela aparece como “fato consumado” torna-se aceita e ela pode evitar a escolha do cônjuge pelos mais velhos, como é de praxe.

O papel materno da mulher relaciona-se com as suas atividades como procriadora, com o cuidado que tem para com seus filhos bem como a socialização dos mesmos. Ele relaciona os conhecimentos necessários em matéria de contracepção e de cuidados dados às crianças (higiene e alimentação).

Um tema importante, referente a este papel, era o grau de controle de que dispunham as mulheres sobre os nascimentos, o meio no qual as suas crianças são educadas e o tipo de educação a dar. Também são importantes as pessoas com as quais a mãe está em relação a maior parte do tempo; não só as crianças, mas também os co-parentes e as suas crianças (marido e suas esposas) a família e todas as outras

pessoas que ajudam a mãe a educar, os professores e outros. Importava reter o número e espaço entre o nascimento das crianças; se o tempo gasto com o cuidado das crianças era o desejado; se o dinheiro ou os produtos obtidos através do seu trabalho ou do trabalho do pai eram suficientes para a alimentação das crianças; se havia prática de aborto; quais os tipos de trabalho exercido durante a gravidez; até que idade era feira a amamentação de seus filhos. Também importava comparar o tempo dedicado pela mãe e pelo pai no cuidado das crianças, bem como identificar circunstâncias em que as crianças eram cuidadas por outras pessoas.

## 2. O papel profissional (produtivo)

As atividades produtivas, sobretudo agrícolas, parecem constituir nesse papel o elemento fundamental de seu desempenho. Do mesmo modo, cobram a maior parte das atividades cotidianas das mulheres. A mulher desde jovem está associada ao trabalho agrícola bem como a outros relativos ao espaço doméstico ou próximo, como a colheita de castanha, colorau etc. Um dos primeiros ensinamentos tradicionais dados a mulher é de que: “O seu marido principal é a enxada”. Nas formas mais antigas era necessário fornecer uma enxada aos pais da noiva como forma de pagamento, já que a família perdia em sua unidade produtiva um de seus elementos primordiais. Assim, simbolicamente a enxada aparece como o elemento do trabalho produtivo feminino. Os filhos menores os acompanham quando já estão em idade de poder ajudar no trabalho. O papel profissional como outros, pode ser definido de três maneiras: em termos de contexto, de atividades e de funções. O contexto é determinado pelo espaço no qual a mulher desempenha as atividades produtoras e remuneradas. As atividades femininas variam enormemente segundo a sua integração na estrutura produtiva, e a variedade de comportamentos compreende também

um grande número de atividades possíveis desde os trabalhos agrícolas aos trabalhos em fábricas ou artesanais.

A capacidade das mulheres de assumir um papel profissional ao mesmo tempo em que a maternidade e a educação das crianças dependia em parte do contexto, da flexibilidade e do caráter formal da sua atividade. Um elemento importante para as mulheres é o direito à posse ou à utilização e ao controle não somente dos meios de produção – terra, máquinas, instrumentos – mas também dos frutos do seu trabalho – produtos agrícolas, bens de consumo e lucros. No estudo sobre o trabalho da mulher e de sua fecundidade, deve ser colocada esta relação fundamental: em que medida as responsabilidades e atividades maternas se ajustam, se harmonizam ou se opõem a um trabalho produtivo gerador de ganhos monetários. A análise das atividades passadas e do emprego do tempo quotidiano nas histórias da vida das mulheres poderia responder a estas questões.

O longo percurso para as machambas no Vale do Rio Limpopo, desde as aldeias comunais que foram criadas em 1977 para fugir às cheias, tornavam ainda maior a absorção do tempo quotidiano. Algumas residências temporárias no Vale eram ocupadas quando as atividades de sementeira, e outras absorvem grande parte do tempo. Pelas informações recolhidas pela coordenadora do Projeto, o Ministério da Agricultura vislumbrava ir de encontro às necessidades de facilitar o desempenho deste papel. A intenção era aprofundar e estudar o papel central da mulher na produção cooperativa, bem como as ações que libertassem ou que reduzissem e simplificassem o trabalho das mulheres. Assim, associavam-se os próprios objetivos de nosso projeto, de um ponto de vista educacional, quando da introdução de novas tecnologias alternativas como fornos melhorados, moinhos de milho e novas ferramentas de trabalho. Deste modo, poderiam ser minimizados os conflitos entre o desempenho deste papel com os demais.

### 3. O papel conjugal

Numa sociedade camponesa tradicional, como aquela que analisamos, os princípios que regem o comportamento e atitudes femininas são fornecidas pelas mulheres mais velhas (chamadas localmente de *masungukati*) como forma de iniciação ritual, tendo em vista a harmonia da sociedade como um todo, e a mulher aparece como elemento essencial na reprodução da mesma. Contudo, esta sociedade em mudança traz dentro de si princípios emergentes de uma nova sociedade, produzindo por si conflitos latentes. Os elementos tradicionais, portanto, são importantes, e traduzem-se simbolicamente desde a concepção cultural do corpo e da sexualidade seja através das tatuagens seja à simples aspiração de uma grande prole.

A concepção de evitamento ou mesmo espaçamento temporal entre os nascimentos (controle) é também, geralmente, tradicional através de determinados tabus (evitamento sexual enquanto do período de aleitamento, ou outros), como no caso de uma narrativa de entrevistada com filhos gêmeos.

As experiências sexuais nascem muitas vezes antes do casamento, apesar de isso não ser o desejado pela sociedade. Mas pode ser uma situação criada como um “fato consumado”, para que seja aceito pelos mais velhos e evitar a escolha, sem sua vontade, de casamentos negociados. Mesmo assim, o “lobolo” só surge como legitimação da união.

A grande prole (alto índice de natalidade) constituía um problema para o desempenho harmônico do papel materno na medida em que sobrecarga de trabalho (papel profissional) nas atividades agrícolas (machambas). Nas entrevistas, também foi revelado um alto grau de mortalidade infantil.

Isto induziu-nos a recomendar programas educativos em torno da educação sexual nas escolas e de planejamento familiar e de higiene pelos postos

hospitalares (Programas de Saúde) necessários à adoção de novos comportamentos.

Alguns dos conflitos que surgem no desempenho desse papel surgem na sexualidade (frustração), relacionados com as sucessivas ausências do marido em trabalho nas minas da África do Sul, mesmo que isso trouxesse benefícios em bens materiais. Contudo, esses bens possibilitavam, por vezes, que o marido resolvesse assumir um novo casamento, nem sempre desejado pela primeira esposa (novo nível de frustração), mesmo porque esse fato não se traduzisse por nível de cooperação ao nível produtivo. Também a questão da agressão do marido sobre a mulher parecia comum, sendo aceita socialmente como punição.

O papel conjugal resulta da situação da mulher como companheira do homem com múltiplos fins, como: a procriação, a satisfação sexual, os serviços domésticos, a ajuda material, a cooperação econômica, o prazer da companhia, etc. Segundo a prioridade que a pessoa dá a uma destas atividades, pode-se qualificar o papel conjugal nos diferentes contextos culturais e socioeconômicos. Primeiramente, em que medida os esposos compartilham dos direitos, dos deveres e das tarefas (grau de solidariedade da relação conjugal)? Segundo, em que medida as mulheres têm acesso às tomadas de decisão que podem ser tomadas de maneira autônoma, por decisão do marido ou depois de discussão ou em comum acordo. Terceiro, se existe uma terceira pessoa incluída na família e como se concilia esta relação? Outros pontos, referentes a este papel, que foram por nós retidos: idade no momento do casamento. Histórico do casamento. Histórico do divórcio (separação). Diferença de idade do marido. Histórico do segundo casamento (quando for o caso). Experiências sexuais pré ou extraconjugais (quando não resultou em casamento). A vida conjugal é vivida em comum ou separadamente (nos casos de poligamia)?

#### 4. O papel familiar

A situação da mulher na residência de seu marido ou da família deste, deixa-a sob uma dependência bastante grande da família do cônjuge o que pode conduzir a conflitos com o desempenho harmonioso do papel conjugal. Um dos exemplos dessa dependência nos é fornecida pelas tomadas de decisão que na ausência do marido são tomadas pelo pai deste ou seu irmão mais velho.

Estes comportamentos referem-se aos papéis desempenhados pelas mulheres como irmãs, filhas, avós, sobrinhas etc. A diversidade de comportamentos associados aos papéis familiares é bastante variado e engloba múltiplas atividades tais como a participação nos rituais – momentos cruciais da vida de uma pessoa (batismos, funerais, casamentos) trocas de bens (contribuições em espécies, presentes em produtos agrícolas etc.) e mesmo a repartição das tarefas domésticas e das responsabilidades nos cuidados com as crianças. A delimitação dos direitos, dos deveres, dos recursos e das atividades podem se tornar importante para compreender como as mulheres dispõem do seu tempo e de recursos, como esposas, mães, chefes de família e membros da comunidade. Assim poderá melhor compreender os seus sentimentos de segurança, de frustração e de satisfação.

Destes comportamentos, era necessário reter os seguintes pontos: a participação das mulheres nos ritos familiares, visitas aos parentes não só na comunidade, mas também às aldeias vizinhas ou seus lugares de origem. Serviços prestados aos seus parentes ou o inverso (comparação com as mesmas atividades prestadas pelos membros masculinos). Quais são os parentes que vivem consigo? Quais são as atividades desempenhadas pelos parentes ou para eles? Descrever o grau de isolamento dos homens e das mulheres em relação aos seus parentes. Persistem os contatos com os seus lugares de origem?

#### 5. O papel doméstico

O papel doméstico parece não ser dos mais problemáticos na medida em que uma grande parte dos indivíduos que constituem a unidade doméstica (ou mesmo a próxima, como vizinhos) participam nessas diversas tarefas. Desde as crianças que carregam água, os homens que constroem e arrumam as palhoças ou cortam lenha e lavam sua própria roupa, comportando uma divisão do trabalho. Cabe, ainda, à mulher uma grande parte do trabalho, não só fazendo a comida, como cuidando das crianças menores. O conflito pode surgir entre os desempenhos do papel materno e este papel, pela constante solicitação de seus filhos ainda em idade de amamentação.

O papel doméstico refere-se a todos os comportamentos dentro de uma casa, numa propriedade, num conjunto de dependências próximas de sua casa. Estas atividades podem reagrupar certas sequências dos papéis de mãe, de esposa, de parente e de indivíduo. Elas podem também coincidir com o mesmo espaço onde de desenvolvem determinadas atividades profissionais de bens e serviços como, por exemplo, cerâmica e cestaria.

Muitas mulheres, que nem sempre são esposas, poderiam, no entanto, encontrar-se à cabeça do grupo doméstico como parentes únicos do grupo dos mais velhos adultos (por exemplo: a mãe viúva do marido coabitando o mesmo espaço).

Importava, no caso da identificação do papel doméstico, especificar o tipo de trabalho caseiro exercido pela mulher; descrever a repartição do trabalho doméstico com os demais membros da casa principalmente com os homens caso isso aconteça; fazer uma comparação entre as atividades das meninas e rapazes no que se refere aos trabalhos de casa, como carregar água; captar a experiência pessoal da mulher como a principal pessoa nas atividades caseiras; por fim, traçar um histórico desta atividade na sua vida e

na sua ou em suas várias residências anteriores.

## 6. O papel comunitário

O tipo de convívio nas aldeias comunais parece propiciar um papel importante na interajuda entre as unidades domésticas mais próximas. Mas não retira a possibilidade de conflitos, sobretudo pela frequente ausência do marido no trabalho das minas; portanto, quando o papel conjugal constitui um “vazio” temporário.

O papel de membro de uma comunidade define-se em relação ao contexto no qual a mulher reside num dado momento. Entre os aspectos mais salientes do papel comunitário, como a Organização da Mulher Moçambicana (O.M.M.), construções comunitárias de escolas, etc. Pode-se ainda citar atividades esporádicas anuais na aldeia ou junto às aldeias vizinhas para comemorações festivas (datas como a da Independência) campanhas de informação, assim como comportamentos da mulher enquanto cidadã (atos de votar ou decidir sobre algo).

Convinha, à altura, tentar saber se as mulheres participavam nos movimentos ou nas associações de cooperativas agrícolas, bem como em que percentagem em relação aos homens. Tivemos, ademais, a oportunidade de acompanharmos as atividades comunitárias, como as reuniões em que deveriam ser decididas obras (construções de escolas ou outras), em que as mulheres participavam em igual poder de decisão.

## 7. Papel individual

Os únicos momentos de lazer e de satisfação individual das mulheres eram aqueles que se apresentam após o trabalho produtivo e doméstico,

em repouso relativo ou em conversas sobre a esteira com parentes e amigos.

A participação em festas e danças no fim de semana também constituía uma possibilidade de satisfação individual, propiciadas pelas estruturas locais.

O papel individual refere-se ao aspecto das atividades de um indivíduo (no caso, a mulher) naquilo que diz respeito ao seu próprio desenvolvimento, como expressão de sua personalidade, no sentido da sua individualidade, como a utilização do seu lazer e dos seus momentos privados. Este papel varia muito segundo o contexto cultural, e é muito raro nas sociedades tradicionais podendo entrar em conflito com outros papéis do ponto de vista do tempo gasto por ele. No entanto, alguns pontos devem ser retidos como: a escolha de seus momentos de lazer, quais as atividades e em que momentos do dia ou da semana se concentram estas atividades. Estas atividades necessitam algum conhecimento (formação escolar)? Prática pessoal de jogos, esportes, danças, música, artesanato, etc.

**Imagem 1 – Mulher camponesa no Acampamento Três de Fevereiro, Província de Gaza. É também uma *masungukati*, anciã que dá conselhos aos mais jovens**

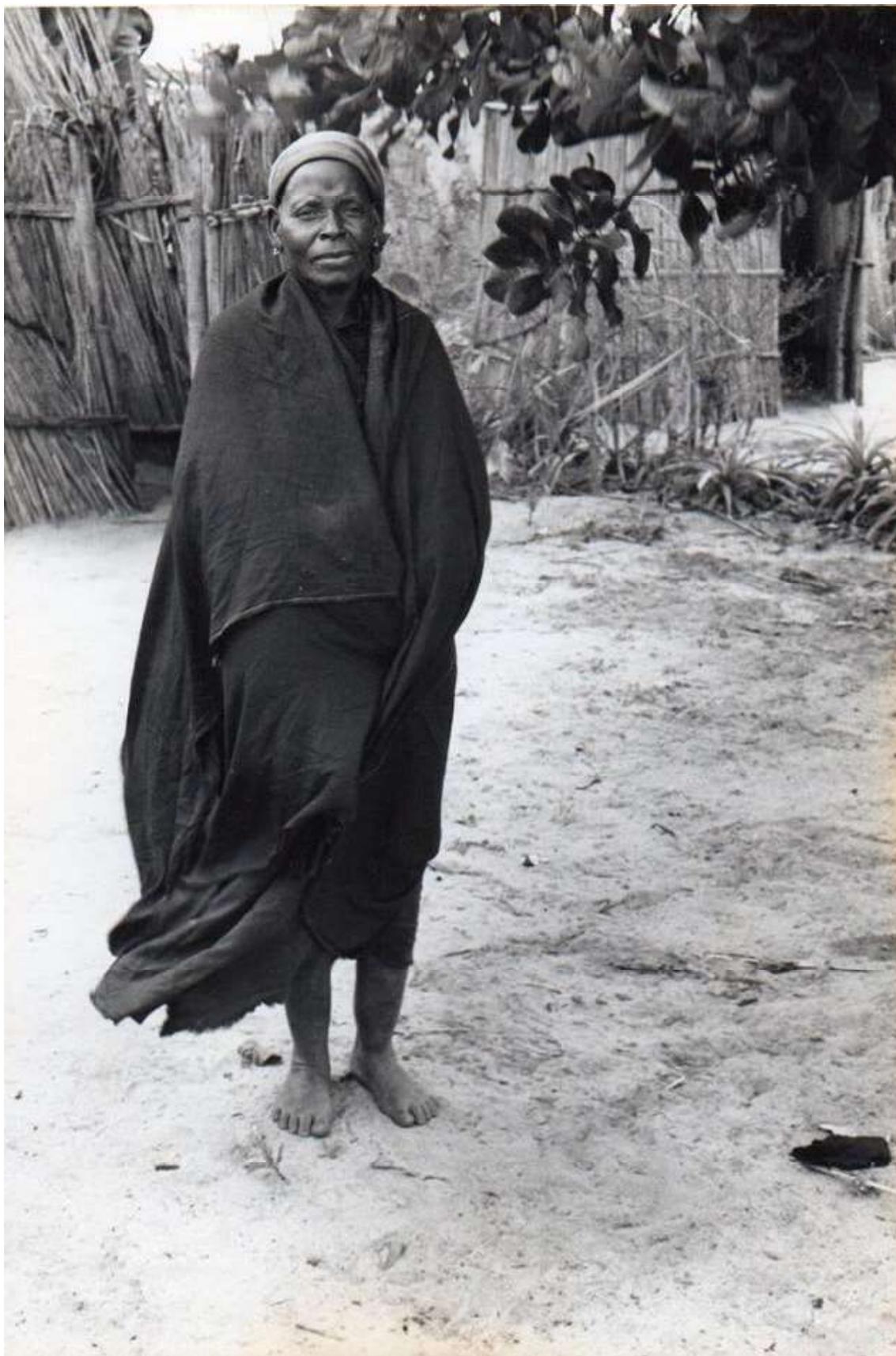


Foto: Carlos Serrano

**Imagem 2 – Casal de camponeses no Acampamento Três de Fevereiro, Província de Gaza. O ancião tem em suas mãos um capacete de mineiro, trazido das minas sul-africanas**



Foto: Carlos Serrano

**Imagem 3 – Vida familiar em Aldeamento do Vale do Rio Limpopo, Província de Gaza.**



Foto: Carlos Serrano

**Imagem 4 – Jovens camponesas a fazer a machamba (lavoura)**



Foto: Carlos Mula (GCS – MI)

**Imagem 5 – Retorno da machamba**

Foto: Carlos Mula (GCS – MI)

## Conclusões

O projeto “Educação para a vida familiar nas aldeias comunais e nas atividades femininas através da comunicação social”, do qual participamos no auge da guerra civil, ou, se preferirem, da guerra de desestabilização, teve entre suas fases operacionais uma pesquisa “atitudinal” junto às camponesas da província de Gaza, no sul de Moçambique. O objetivo era o reconhecimento dos fatores que poderiam determinar a aceitação plena e produtiva da introdução de novas tecnologias de trabalho, assim como a mudança de atitude quanto a aspectos de saúde, de higiene e de planejamento familiar. Assim sendo, pensávamos, e continuamos a pensar, que o estudo dos papéis desempenhados por aquelas mulheres dentro do sistema social e cultural em que está inserida é fundamental para a compreensão das expectativas em relação aos comportamentos explícitos quanto às eventuais alterações numa situação de mudança. Esse enfoque permitiu o acesso a informações sobre as relações de poder, as tensões, as coerções, os conflitos e, finalmente, os processos de mudança social então em curso em uma parcela da sociedade moçambicana.

A necessidade de que a comunidade, como um todo, e as mulheres, em particular, tomassem consciência dos seus problemas foi o ponto fundamental na condução da pesquisa por nós realizada junto ao gabinete de Comunicação Social do Ministério de Informação de Moçambique (de que aqui apresentamos um breve resumo). Só a partir de um estudo mais profundo, poderiam adotar-se técnicas ou comportamentos inovadores no trabalho, para que se liberassem as mulheres para tarefas importantes, como a educação e os cuidados com os seus filhos, bem como outras atividades comunitárias.

Este foi um trabalho árduo, mas imprescindível para que se atinjam novos níveis de consciência social e cultural necessários, tal como preconiza o Partido

FRELIMO, na “8º Reunião do Comitê Central: resolução sobre aldeias comunais”. A riqueza de informações que poderiam ser fornecidas por uma pesquisa desta natureza, baseada em depoimentos de pessoas e histórias de vida, sugeriram-nos um retorno destas mesmas informações àquelas mesmas pessoas que as forneceram, e que eram as principais interessadas: as mulheres.

## Bibliografia

- BALANDIER, Georges. *Sociologie des mutations*. BALANDIER, Georges (Dir.). *Sociologie des mutations*. Paris: Anthropos, 1970, p. 13-37.
- BOTH, Elisabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- FRELIMO. 8ª Reunião do Comitê Central: Resolução sobre Aldeias Comunais, in *Revista Tempo*, Maputo, 293, p. 34-43, 16 de Maio de 1976.
- JUNOD, Henri A. *Usos e costumes dos Bantus*. Tomo II, 2ª edição. Lourenço Marques, 1974.
- MEILLASSOUX, Claude. *Mulheres, celeiros e capitais*. Porto: Afrontamento, 1977.
- OPPONG, Christine; ABU, Katherine. *Un guise pour le rassemblement et l'analyse des données sur les sept roles et le statut des femmes*. Genebra: Bureau international du travail (B.I.T.), 1986.
- \_\_\_\_\_. *Seven roles of women: impact of education, migration and employment on Ghanaian mothers*. Genebra: International Labour Organization, 1987.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos, Universidade de São Paulo, 1983.
- SERRANO, Carlos. *A vida e o trabalho da mulher camponesa na Província de Gaza: teste de metodologia de uma pesquisa atitudinal*. Maputo: Ministério da Informação, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Os setes papéis da mulher moçambicana na Província de Gaza*. *Jornal da Cidade*, Campo Grande, 06-12 de setembro de 1987.